



Fazenda Madeira: Modo de vida sertanejo, por uma vida sem veneno

Laion Braga, Vanusa da Silva Lima, Isabel Lima, Ana Julia Babaçu

Tema Gerador: Manejo de Agroecossistemas e Agricultura Orgânica

Apresentação

Sou **Laion Braga**, 29 anos, casado, nascido e criado no sertão. Como alguns preferem me denominar, um **sertanejo nativo**, aprendiz de agricultor. É desse cenário que me posiciono para relatar um pouco da minha experiência de vida, e do recente experimento de 10 meses com a agricultura, horticultura e extrativismo, na Chapada das Mesas, Carolina – MA. Neste projeto tenho a parceria de minha esposa, Vanusa da Silva Lima, minha enteada, Isabel Maria Lima Sousa, nossa netinha, Ana Júlia Babaçu, e também minha avó materna, Tânia Braga. Sou pescador artesanal, fui associado a Colônia de Pescadores. Recentemente, passei a fazer parte do quadro de sócios da Associação dos Pequenos Produtores de Carolina - APPC, estou em fase de filiação ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Carolina, entidade que minha avó Tania Braga é sócia há décadas. Minha esposa está inserida no Mestrado de Sustentabilidade a Povos e Populações Tradicionais MESPT-CDS-UNB.

Contextualização

Minha história teve início há quase dois séculos. Sou parte da árvore genealógica, agora na quinta geração, do Sr. Pantaleão Braga Noletto, um dos desbravadores do sertão sul maranhense. Sertão, que com o passar dos tempos veio ser conhecido como distrito de São Pedro de Alcântara, e tomando faces citadinas tornou-se Carolina - MA, importante cidade do Maranhão, englobada pelo bioma Cerrado Brasileiro. Hoje acomoda aproximadamente 24 mil habitantes, desses, grande maioria ainda habita as áreas rurais, os chamados sertanejos e sertanejas.

Organizada geograficamente às margens do rio Tocantins, importante via de acesso, por muitos anos era a única forma de chegar na região. Se destaca no turismo pela geografia dos seus morros e serras com platôs planos que desenham a “Chapada das Mesas”, a “Cidade das Águas” e o “Portal da Chapada” do Parque Nacional das Chapadas das Mesas”



Um passo para trás

Quando ainda não havia cerca nem donos do sertão, meu tataravô materno Pantaleão Braga, de origem portuguesa, chegou para essas bandas na força da sua juventude, há aproximadamente 150 anos. Desbravou o sertão, com todos seus riscos e fascínios, domou a paisagem, escolheu uma grande área que ele denominou “Fazenda Madeira”. O marco geográfico foi o rio Madeira e a Serra do Leão, que foi por ele assim batizada.

Constituiu família, viveu o resto da sua vida no sertão, e tornou-se parte e pó desta terra. Suas conquistas, sua história vem passando para as gerações sucessivas.

Para permanecer no sertão, carece e amar o modo de vida sertanejo e suas particularidades. Para ser “sertanejo” carece ser parte do sertão. Entender as artimanhas de uma terra que parece pobre e é enormemente rica. Suas veias d’água, alimentam os nativos buritizais, símbolo de suas várzeas. Bem como, na parte seca, a chapada, resistem uma gama de plantas que alimentam o sertanejo. Tem cheiros sabores e cores, como o pequi e o bacuri. Além da beleza exuberante dos seus ipês, amarelos, brancos e roxos. Em sua fauna resiste uma orquestra de canto de pássaros que convivem harmonicamente, com uma gama de outros animais.

Minha avó materna, que nunca saiu do sertão, não experimentou da revolução verde e pouco usa de tecnologia, a não ser o uso do liquidificador e do fogão a gás. Continua a fazer doces como ninguém, faz como sua mãe fazia e lhe ensinou, é conhecida na região como doceira de mão cheia. Sabe também lidar com a abundância das plantas medicinais da rica flora do sertão.

No terreiro mantém as galinhas de capoeira. Na altura dos seus 60 anos vividos, tentou manter uma horta mandala, mas teve que abandonar por falta de força e de braços para a manutenção do seu projeto.

Minha avó, por mais nativa que seja, nunca conseguiu organizar a família em torno da agricultura familiar. Parte do que tocou a ela de herança familiar foi ficando cada vez mais despovoado. Para os filhos e netos, um cenário de fins de semana e férias.

Do mesmo modo convivi intimamente com a terra. No entanto, os banhos, a pescaria, a coleta de frutos nativos aprendi de sem cartilha, foi pelo ver fazer, pelo experimento, erro e acerto, tudo muito despretenso. Contudo, todo esse conjunto não apagou em mim o desejo de desbravar a cidade, experimentar seu ritmo, sua dinâmica, virar as costas para o sertão. Assim o fiz.



Durante muito tempo minha ocupação na cidade se resumia a “bicos”. Meu último trabalho foi em uma churrascaria, na qual desempenhei a função de saladeiro, com duas folgas por mês, e um salário mínimo sem carteira assinada, sem nenhuma garantia de direitos, e sem perspectiva de trabalho melhor, ia vivendo um dia de cada vez e ficando cada vez mais longe do sertão, do meu sertão. No sertão também não enxergava futuro.

Em meio a esse panorama, em 2016 me casei com uma mulher que já tinha uma profissão. Uma pedagoga por formação e com muito apreço pela terra, também originária de uma família camponesa e de quebradeiras de coco babaçu. Cinco dias após o enlace, ela ingressou em um Mestrado de Sustentabilidade a Povos e Populações Tradicionais, no CDS-UNB. De comum acordo permaneci no emprego e ela nos estudos.

Entretanto, na volta da sua primeira etapa do mestrado em Brasília, com tantas novidades, experiências vividas e observadas, estudos relacionados à sustentabilidade e uma boa dose de empolgação, me incentivou a experimentarmos viver do que o sertão pudesse nos oferecer. Com pouco a perder, aceitei o desafio.

A área da “Fazenda Madeira” foi sendo dividida em partes iguais aos herdeiros. Minha avó dividiu em vida aos seus filhos, e assim também minha mãe já repassou sua parte a mim e a meus outros dois irmãos. Um deles já está trabalhando na terra, mantém um balneário bastante frequentado por turistas e moradores locais. A parte que tocou a mim e outra adquirida por minha companheira totaliza 10 hectares com veias de água corrente, várzea e chapadas.

Em setembro de 2016, mudamos de vez pro sertão. Buscando olhar para um lugar tão íntimo por um outro viés, a valorização do rural como um modo de vida. O sertão passou a ser nosso lugar de viver, e de lá também prover nossa vida. Ainda não temos casa própria. Coabitamos com minha avó e meu tio-avô.

Desenvolvimento da experiência

Setembro no sertão, é um mês quente pelo sol e pelo fogo, intensas queimadas acontecem nessa região. Nesse paisagem decidimos dar início a um projeto particularmente nosso, o “Projeto de vida sem veneno”, totalmente desafiador em todos os sentidos. Nessa região a maioria das áreas agricultáveis recebem grandes doses de veneno para conter as plantas invasoras, incluindo as hortaliças. E isso, eu sabia fazer bem.

Para dar o pontapé inicial investimos recursos próprios na compra de poucas galinhas. Com nossa mão de obra revitalizamos a antiga horta de minha avó, que ainda mantinha parte da estrutura física (cerca, caixa d’água, galinheiro central) e demos início a essa nova fase.



a- O adubo

Coletamos esterco nos vizinhos, organizamos leiras para compostagem, utilizamos muita matéria orgânica coletada no cerrado, logo tínhamos adubo de boa qualidade. Organizamos os canteiros no formato mandala como no projeto original, mantendo no centro a casa que pode abrigar as galinhas como planejado, mas, por enquanto é a casa das ferramentas.

b- As sementes

Resgatamos algumas sementes que já tínhamos em casa, fizemos visitas aos sítios nos arredores e pedimos mudas e sementes de plantas como cebolinha, chicória, cará moela, bertalha, inhame, batata doce, vinagreira, pimentas variadas. Nas casas agropecuárias compramos sementes variadas, sem tomar conhecimento da origem. Sem nenhuma orientação técnica, plantamos tudo que dispunhamos no momento. Uma festa nos nossos corações.

c- Poupança sertaneja

Nos conhecimentos tradicionais e na cultura sertaneja, a mandioca se dá em terra arenosa, faz parte de cultivo anual. Ter mandioca é como fazer uma poupança, uma boa roça vai proporcionar um excelente resultado. E se beneficiado como farinha, melhor ainda. Sabendo disso, já plantei nas chuvas de janeiro uma área considerável dessa planta. Do plantio a colheita vai de dez meses a um ano. Carece ser acompanhada com limpezas das plantas, e pode ter outras plantas consorciadas.

d- Fonte de renda a curto prazo

Conhecedores que as hortaliças levariam tempo do plantio ao cultivo, e que as galinhas também demorariam para produção, reprodução e comercialização, se fez necessário ter uma Fonte de renda a curto prazo, careceu em nós a implementação de um plano “B”.

Vender minha mão de obra comprometeria o andamento de todo o projeto. E olhando para o sertão, vislumbramos a possibilidade de nos ampararmos no extrativismo, e assim fizemos. Era tempo de buriti e de manga-de-cheiro. A cor e o cheiro do sertão era alaranjada e a nossa aposta também.

Coletar buriti e retirar a polpa deu certo, e nos meses seguintes o sertão nos deu o bacuri, o açaí, a bacaba, o murici, o araçá-goiaba, a goiaba, o umbú. Processadas em forma de polpas, passei a vender no mercado local.



Cabe mencionar que, para o processamento das frutas foi preciso investimento prévio com equipamentos: freezer, despoldadeira, caixas térmicas, seladora, bacias, embalagens e mensalmente despesas com energia e combustível. Todavia, minha renda com a comercialização das polpas, ovos, e algumas galinhas vem se igualando ao que eu recebia como empregado “sem direitos” no antigo emprego.

e- Laboratório

Tudo que temos produzido nesses 10 meses de atividade da horta, tem nos servido como ambiente de prática daquilo que estou buscando aprender através de pesquisas na internet, literatura direcionada, vídeos, programas de televisão, conversas informais com vizinhos e com a replicação do aprendizado de minha companheira no mestrado, que a cada etapa agrega mais conhecimento e me incentiva cada vez mais para seguirmos em frente. As hortaliças não foram comercializadas, no entanto, convém lembrar que nossa mesa está muito mais colorida, e é notável a economia que já estamos fazendo cotidianamente.

Desafios

A proposta de retornar ao sertão é desafiadora na sua amplitude. Viver e conviver com e no sertão, com uma possibilidade de viver com dignidade, se sustentar e ser sustentável num ambiente que sempre me trouxe felicidade é uma proposta imensurável. Contudo, durante os 10 meses desse experimento, foi preciso investir capital pessoal na compra de produtos e equipamentos, o que acreditamos que em médio prazo será reavisto. Dispusemos de nossa mão de obra com exclusividade. É preciso vontade de fazer, e acreditar fazendo.

Entender de sustentabilidade, de não colocar veneno no mato que cresce durante a noite, que muitos outros fazem e ganham tempo, prática que aprendi a fazer sem medo de pecar e agora desconstruir é desafio interior. Preciso buscar cada vez mais entendimento e vivenciar experiências que possam acrescentar por meio dos Resultados.

Resultados alcançados

Com o curto tempo de implantação do modelo de cultivo e trabalho no sertão, os Resultados que vejo ainda são dotados de grande pessoalidade. Eu e minha família já podemos usufruir de muitas hortaliças diretamente de nossa plantação e já diminuimos despesas com isso. O extrativismo me oferece a venda de polpas de frutas da estação e também a fabricação e venda de geladinhos (doce gelado feito com polpa de fruta), que já utilizo para as despesas domésticas. Além da questão financeira, hoje consigo



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 9

Manejo de Agroecossistemas
e Agricultura Orgânica



vislumbrar um modo de vida que antes não podia, de viver no sertão e viver dele, por meio da agricultura orgânica e do extrativismo, que gera o retorno e me proporciona uma vida mais confortável.

O melhor de tudo isso, é ver nos olhos de outras pessoas que nosso projeto é importante para nossa família, para todos que serão abarcados por ele, e sobretudo não estaremos envenenando a nossa terra, nosso berço de águas e esperanças.

As consideráveis mudanças que percebo que tem que ocorrer devem partir muito mais do sertanejo para o sertão do que o contrário. Amar o sertão é sem dúvida buscar essa harmonia tão necessária a sobrevivência do nosso planeta.

Disseminação da experiência

Até o presente momento, tentamos disseminar o conhecimento por meio de conversas com nossos vizinhos e amigos, para incentivá-los a também iniciar produções. Também utilizamos a *internet* para divulgar a experiência, através de vídeos e fotos com relatos do cotidiano, informações sobre o cultivo e atividades, além de fazer contato com outras pessoas que tenham iniciativas parecidas.